*Vidro da Boémia nas Colecções do Palácio Nacional da Ajuda**

Cláudia Alvares Amaral**

1. O Palácio Nacional da Ajuda

O Palácio Nacional da Ajuda, museu de artes decorativas, alberga um vasto leque de colecções que datam predominantemente dos séculos XVIII e XIX. Residência oficial da Família Real portuguesa entre 1862 e 1910, aqui viveram o rei D. Luís I (1838-1889), a rainha D. Maria Pia (1847-1911), filha do rei Vítor Manuel II de Itália, e os seus dois filhos, D. Carlos e D. Afonso, enquanto príncipes.

Residência permanente dos monarcas desde 1862, ano do seu casamento, a transformação e decoração das salas e aposentos reais fica a cargo do arquitecto Joaquim Possidónio da Silva (1806-1896) até e após a chegada da rainha D. Maria Pia que, desde logo, acompanha os trabalhos, enriquecendo o recheio do Palácio com numerosas encomendas fornecidas pelas mais ilustres casas comerciais europeias. Com a dupla função de espaço privado da Família Real por um lado, e, por outro, cenário das cerimónias oficiais, o conforto do Palácio, aliados à constante actualização a par dos gostos da época, são preocupações que acompanham a rainha ao longo dos anos que aqui reside.

A implantação da República conduz a Família Real ao exílio e os palácios reais são nacionalizados. A rainha-mãe, D. Maria Pia, regressa a Itália, levando consigo alguns dos seus objectos pessoais. Contudo, a grande maioria dos bens que compunham o recheio desta Casa Real não chega a sair do país e conserva-se no acervo do Palácio Nacional da Ajuda.
Actualmente, o Museu procura apresentar, segundo critérios históricos e científicos, os aposentos públicos e privados correspondentes ao final do reinado de D. Luís. Edifício de construção neoclássica, o Palácio espelha, no seu interior, o ambiente do século XIX com os contrastes que lhe são próprios. A colecção de vidro do Palácio Nacional da Ajuda insere-se neste contexto. Não se tratando de um estudo ou apresentação exaustiva do vidro originário da Boémia, neste artigo pretendemos, contudo, dar a conhecer alguns dos serviços e objectos provenientes desta região, ou de estilo boemiano, e retratar algumas das suas características mais marcantes.

2. A Colecção de Vidro do Palácio Nacional da Ajuda

A colecção de vidro data, sobretudo, da segunda metade do século XIX e princípios do século XX, coincidente com os anos que marcaram a vivência dos monarcas no Palácio Nacional da Ajuda: 1862-1910[1]. De carácter heterogéneo, incorpora objectos dos principais centros de fabrico e de comércio de vidro que operavam nesta altura a nível internacional, incluindo os da

[1] Fazem parte do acervo do Palácio objectos da colecção de vidro que datam dos séculos XVII e XVIII e que já na época da Família Real mereciam lugar de destaque. São disso exemplo algumas das peças que permanecem expostas na Sala do Retrato da Rainha, no andar nobre.

região da Boémia, com particular incidência para a fábrica de vidros Moser, da qual falaremos mais adiante. Peças provenientes de outras reputadas fábricas de vidro de Itália (Companhia de Veneza / Murano, Salviati, Fratelli Toso e M.Q. Testolini), França (Baccarat, Daum, Gallé, Escola de Nancy), Espanha (La Granja e região da Catalunha), Áustria (J&L Lobmeyr), Inglaterra (Thomas Webb & Sons), Alemanha e Portugal são exemplos da variedade existente no Palácio[2].

Para além da diversidade dos centros de produção identificados, é também de notar os diferentes estilos que se encontram representados e que ilustram as principais tendências da época, nomeadamente os estilos germânico, islamista, "façon de Venise", "façon d'Angleterre", entre outros. Constituída essencialmente por peças produzidas segundo a técnica do sopro, a colecção é ainda enriquecida por elementos decorativos e heráldicos, presentes sobretudo nos conjuntos de carácter utilitário e que tornam esta colecção singular. Monogramas individuais ou conjuntos do rei e da rainha (encontramos habitualmente as iniciais "MP", "LI", "LM" ou "LMP" entrelaçadas e encimadas pela coroa real) e as armas de Portugal ou de aliança de Portugal e Sabóia estão presentes nos serviços de mesa, serviços para bebidas, nos "verre d'eau"3, nos serviços de toucador, assim como noutras peças avulsas.

3. O Vidro da Boémia no Palácio Nacional da Ajuda

Não sendo exclusivamente originária da região da Boémia, como já referimos, a colecção de vidro do Palácio Nacional da Ajuda incorpora objectos de carácter utilitário e decorativo provenientes dessa região cuja importância ao longo do século XIX foi, e ainda hoje é, internacionalmente reconhecida.

De entre os vários exemplares que se podem destacar, começamos por referir dois serviços de toucador (inv.º 2404-2419 e 41756-41770) que se encontram expostos no Quarto do Rei e no Quarto da Rainha, no piso térreo, datados entre 1862 e 1889, em vidro transparente incolor (que designaremos por incolor) dobrado, um deles, a vermelho-rubi e o outro a amarelo-ocre. A decoração, gravada à roda sem polimento, apresenta um tema muito apreciado e recorrente nas gravações em vidro da segunda metade do século XIX: ambiente de floresta com vários animais, tais como veados, lebres, coelhos e cães. Alguns dos objectos têm ainda um friso de folhas de videira com cachos de uvas. Ambos os serviços são constituídos por um número considerável de peças (17 no caso do serviço vermelho-rubi e 15 no outro), incluindo jarro e bacia, garrafa e copo, frascos, castiçais, taça, taça com pé e caixas com tampa de formato rectangular ou circular e de diferentes tamanhos consoante a função a que se destinavam (para as escovas dos dentes, sabonetes, esponjas, pó para o rosto, pó para limpeza das escovas dos dentes, etc.). Todas as peças possuem gravadas as armas de aliança de Portugal e Sabóia em lugar de destaque, encontrando-se, no entanto, devidamente destacadas e enquadradas nos elementos decorativos.

O popularizado padrão decorativo da Boémia não está só representado nestes dois serviços de toucador. Existem, no Palácio, outros objectos com decoração idêntica embora com pequenas diferenças técnicas. No caso de um conjunto de lavabos e seus pratos (inv.º 48746-48766), por exemplo, o vidro não foi dobrado, permanecendo incolor com decoração gravada sem polimento, em contraste com a superfície polida, e com o monograma do rei D. Luís (dois "L" entrelaçados) encimado por coroa real, na base de todos os pratos de lavabo.

A contribuição do vidro da Boémia no século XIX foi particularmente significativa no que respeita à introdução de um vasto leque de novas cores e de técnicas de decoração. Esta supremacia viria a influenciar a produção de outros países europeus. O vidro vermelho-rubi e

[2] Apenas nos referimos ao vidro de carácter utilitário e decorativo, ficando à margem o espólio referente à luminária e à vidraça existentes no Palácio Nacional da Ajuda.

[3] Conjunto geralmente composto por tabuleiro, garrafa, um ou dois copos, frasco para água de laranjeira e açucareiro. Esta tipologia surge no século XIX e destina-se aos quartos de dormir, oferecendo uma bebida aromatizada sem ser necessário sair dos aposentos privados ou levantar-se durante a noite (ver Girard, 1991, p. 295).

amarelo-ocre foi aperfeiçoado na região da Boémia, sensivelmente nos anos de 1840 e 1820 respectivamente, por Friedrich Egermann (1777-1864). A superfície do vidro era coberta por uma camada de outra cor (no caso do vermelho-rubi tratava-se de uma coloração à base de sulfato de cobre), posteriormente reaquecida até atingir as condições desejadas e fixar-se plenamente ao vidro. Ao ser gravada, a camada colorida superficial era desbastada, deixando a descoberto o vidro incolor[4]. Esta técnica permitia um resultado com qualidade, maior rapidez na produção a custos mais baixos e, uma vez dominada, foi amplamente explorada pelos gravadores da Boémia, sobretudo na segunda metade do século XIX, predominando as cores e os motivos decorativos acima referidos. A Egermann, natural de Novy Bor na região norte da Boémia e com formação em química, é também atribuído o aperfeiçoamento de outras cores a aplicar no vidro, algumas das quais com o objectivo de imitar pedras semi-preciosas ou mármores.

A identificação das peças provenientes da região da Boémia que constituem o acervo do Palácio é estabelecida de acordo com vários métodos histórico-científicos ao nosso alcance:

A) O estudo físico da peça e complementos.

Peças assinadas. Elemento chave na inventariação e estudo da colecção. São vários os exemplares que conservam etiquetas de papel ou assinaturas, estas últimas por meio de pintura a dourado ou a esmalte, identificativas dos autores ou dos centros de fabrico. Por vezes a assinatura surge inserida na própria decoração da peça, como acontece frequentemente no caso da fábrica Lobmeyr, de Viena.

A existência de etiquetas de papel ou de marcas pintadas directamente nas peças reveste-se, na perspectiva da indústria do vidro, de uma importância acrescida pelo facto de não ser comum as obras terem assinatura. Por norma, e ao contrário do que acontece noutras colecções de Belas Artes e de Artes Decorativas em geral, o vidro raramente era assinado, datado ou identificado em termos do centro de produção. Foi com o movimento europeu Arte Nova que essa tendência se alterou significativamente e os autores passaram a ter maior preocupação com a impressão do cunho pessoal nas suas obras, do mesmo modo que os principais centros de fabrico e casas comerciais gravavam de forma mais sistematizada o nome das suas reputadas casas.

No caso da fábrica de vidros Moser, por exemplo, é-nos possível balizar as peças em termos da sua datação através das diferentes marcas utilizadas, etiquetas em papel ou assinaturas, e cuja informação, disponibilizada pela própria fábrica, se organiza de modo diferente em termos gráficos, temporais e na forma como é tecnicamente executada (pintada, gravada, etc.)[5]. A marca encontrada com maior frequência nas peças do Palácio foi registada em 1898[6], pelo que podemos concluir que as peças que a possuem não deverão ser anteriores a esse ano em termos de produção e, naturalmente, de aquisição [Fig. 1].

Fig. 1.

Um outro exemplo da marca identificativa de um centro de produção da Boémia é encontrada num conjunto de 12 lavabos e seus pratos (PNA inv. 22927), em vidro incolor com decoração dourada e esmaltada a amarelo, relevada, de influência rocócó, com representação do monograma da rainha D. Maria Pia (iniciais "MP" entrelaçadas) encimado por coroa real, esmaltado polícromo, na base dos lavabos e na secção superior da aba dos pratos. Não sendo de excluir a possibilidade de se

[4] Esta técnica dá pelo nome inglês de "staining". Trata-se de uma forma simplificada de colorir o vidro em comparação com o "flashing", ou seja, a aplicação de uma camada de vidro colorido, normalmente mais fina, sobre uma outra através da imersão do objecto na massa.

[5] O catálogo da exposição *Moser: Joya del Cristal de Bohemia* apresenta listagem com as principais marcas registadas da casa Moser.

[6] Idem, p.106.

tratar de um conjunto adquirido pela rainha aquando da sua viagem à Boémia em 1901, sobre a qual nos debruçamos mais à frente, a quase totalidade dos pratos de lavabo apresenta, no reverso da aba, visível sobretudo a contra-luz, a assinatura manuscrita a dourado "H. Holzner/Karlsbad"[7], embora nalguns casos as letras se encontrem gastas, possivelmente devido às lavagens a que foram submetidos.

A mesma fábrica pode ter a sua marca representada de diferentes formas, tal como já mencionámos. Para além da assinatura dourada da casa Holzner no conjunto de lavabos, encontramos igualmente na colecção de vidro do Palácio Nacional da Ajuda um grupo de amostras de copos (PNA inv. 22933) com a mesma proveniência, mas identificada de outro modo. Composto actualmente por 16 copos de diferentes formatos, em vidro incolor com decoração variada de estilo historicista, gravada e dourada, todos os elementos deste conjunto apresentam uma etiqueta em papel com a inscrição "HOLZNERS GLASPALAST/ KARLSBAD". Esta, de formato circular com aro de metal a toda a volta, apresenta as letras impressas a preto sobre fundo branco, dispostas em torno do desenho de um copo com pé. Encontra-se fixa ao pé de cada um dos copos por intermédio de um cordel. Tratando-se de um conjunto de amostras é natural que as etiquetas se mantivessem em bom estado. Salientamos que as peças que actualmente conservam intactas as marcas em papel é porque certamente não chegaram a ser utilizadas ou estas não teriam resistido às lavagens.

Há ainda na colecção um copo com pé (PNA inv.º 2324), "façon de Venise", em vidro incolor na copa e transparente cor-de-rosa na base e pé, com etiqueta do centro de produção, formato igualmente circular, mas com pequenas diferenças na execução comparativamente com a anterior. A inscrição "HOLZNERS GLASPALAST/ CARLSBAD" é impressa a vermelho sobre fundo branco e está disposta circularmente, tendo desenhados ao centro, lado a lado e no mesmo tom vermelho, um copo com pé, uma garrafa e um copo raso. A ausência de bibliografia relativa a esta fábrica impossibilita uma leitura mais precisa sobre a datação das peças e sobre o registo de cada uma das marcas utilizadas.

B) Investigação documental.

Consulta do Inventário Judicial. Elaborado entre 1911 e 1913, os volumes que constituem o Arrolamento dos bens do Palácio Nacional da Ajuda são uma preciosa fonte de informação sobre a disposição dos objectos dentro do Palácio, sendo possível, nalguns casos, recolher informação sobre a proveniência ou função dos mesmos, uma vez que este processo de inventariação foi acompanhado pelo particular da rainha, Pedro Moura Dias, conhecedor dos hábitos e gostos da Família Real, tendo ele próprio manuseado muitos destes objectos no quotidiano desta Casa.

Consulta de relações de vidros. Documentação dos arquivos do Palácio Nacional da Ajuda e da Torre do Tombo, relativa à administração da Casa Real, permite-nos identificar relações de bens, nomeadamente da real mantearia[8], sendo possível cruzar informação entre o que se encontra descrito nos documentos e os objectos em si. Este facto traz valor acrescido ao estudo da colecção (sendo possível, por exemplo, revelar ou sugerir as ocasiões em que determinados serviços foram utilizados) e reveste-se de particular interesse no caso dos serviços de mesa, uma vez que a descrição dos mesmos pode elucidar-nos sobre as diferentes tipologias e funções atribuídas e que nem sempre são óbvias, sobretudo no século XIX.

Identificação de facturas e/ou recibos da Casa Real. A investigação da documentação da administração da Casa Real revela diversas facturas e/ou recibos de fornecedores de vidros, utilitários e decorativos, nomeadamente das casas Lobmeyr (Viena de Áustria), Salviati (Itália) e Baccarat (França), entre outros. Esta recolha de dados, embora se encontre ainda numa fase inicial,

[7] Trata-se de uma fábrica concorrente da de Moser, fundada na segunda metade do século XIX e entretanto extinta. Por vezes surge com pequenas variações ortográficas: Holzner ou Holzners e Karlsbad ou Carlsbad.

[8] Repartição da casa real que tem a seu cargo os serviços de mesa, onde se incluem os vidros.

no que respeita a colecção de vidro, e à semelhança do que foi descrito no ponto anterior, permite-nos cruzar informações sobre a incorporação dos objectos a vários níveis (proveniência, datação, tipologias, etc.).

C) A pesquisa e o estudo bibliográfico do vidro da Boémia ao longo da História, com particular incidência para a segunda metade do século XIX e primeira década do século XX, permitem enquadrar com maior fiabilidade os objectos que não se encontram assinados mas que apresentam características, da cor, do estilo ou da técnica, identificadas com o século XIX e com esta região em particular ou com tendências que lhe são reconhecidas e atribuídas.

A caracterização da colecção de vidro do Palácio Nacional da Ajuda é o resultado da conjugação destes critérios. Do mesmo modo, passamos a conhecer melhor as circunstâncias da sua aquisição, nomeadamente, algumas das casas "preferidas" da Família Real e as mais representadas, como é o caso da fábrica de vidros Moser que estava, aliás, muito em voga nesta altura, tendo várias casas reais europeias como clientes.

3.1. A Fábrica de Vidros Moser

Uma importante parte da colecção de vidro é constituída, como já referimos, por exemplares provenientes da fábrica de vidros Moser, sediada em Meierhöfen, perto de Karlsbad, na região norte da Boémia[9]. O vidro da Boémia viveu um momento alto durante o século XIX com grandes inovações técnicas e artísticas, sendo a fábrica Moser uma das mais conceituadas nesta evolução.

Fundada em 1857, a casa Moser ainda hoje se mantém em funcionamento e continua a ser uma marca de referência na indústria do vidro. Foi seu fundador Ludwig Moser (1833-1916), gravador de vidro, que começou por abrir um espaço destinado à gravação e comercialização de cristais em Karlsbad, cidade famosa pelas estâncias termais e pelos turistas que aí atraía, e rapidamente se converteu num dos melhores produtores de cristal e fornecedor do então império austro-húngaro, com representações comerciais em várias cidades, tais como em Londres, Paris, Nova Iorque e S. Petersburgo, e gozou da colaboração de alguns dos melhores artífices vidreiros da época. Ainda antes de se estabelecer por conta própria, Ludwig Moser havia já trabalhado em reputados centros de produção e decoração e com mestres vidreiros de valor reconhecido, tendo sido inclusivamente aprendiz no atelier do gravador Andreas Mattoni (1779-1864) nos finais de 1840.

No início da actividade e até c.1892, Ludwig Moser comprava vidro à fábrica Harrach, entre outras, para posterior decoração e venda[10]. A partir desta data, a família Moser abre a sua própria fábrica de vidro. A autonomia na capacidade de produção de vidro de elevada qualidade ao nível da transparência e da resistência, bem como o domínio técnico e artístico na gravação, aliados a uma eficiente rede de distribuição e venda além fronteiras, ditaram a grande popularidade e o reconhecimento da marca Moser[11]. A participação em exposições internacionais, que valeram a Moser vários prémios, foram um veículo importante na divulgação internacional dos seus produtos, proporcionando novos contactos e uma constante actualização das novas tendências.

Moser destaca-se também na decoração gravada com padrões elaborados de grande qualidade técnica e artística. Ao longo dos anos segue várias tendências nas formas e decoração do

[9] A cidade de Karlsbad é actualmente denominada por Karlovy Vary, na República Checa, e Meierhöfen dá pelo nome de Nové Dvory.

[10] Moser adquiria os chamados "blanks", isto é, vidro "em branco", no sentido em que não foi ainda decorado ou transformado. Era relativamente comum o processo de decoração ser feito à posteriori, num atelier próprio ou pelos inúmeros vendedores de porta em porta que dominavam a arte da gravação e decoravam os vidros no acto da venda, de acordo com as preferências dos compradores. A fábrica de vidros Harrach, fundada em 1712 em Novy Svet na região norte da Boémia e uma das mais prestigiadas durante os séculos XVIII e XIX, fornecia várias outras fábricas nomeadamente da Boémia e da Silésia, com vidros "em branco".

[11] As redes comerciais que notabilizaram a Boémia já vinham dos séculos XVII e XVIII, com pontos de venda espalhados geograficamente por todo o mundo e em particular por vários países do norte e sul da Europa, Portugal e Espanha inclusive.

vidro, desde a criação de sofisticados serviços de mesa, à decoração esmaltada e de influência islamista. Duas das correntes mais marcantes são a historicista e a modernista. Ambos os períodos estão ricamente representados na colecção do Palácio Nacional da Ajuda, quer nos objectos com função decorativa (jarras, por exemplo), quer nos conjuntos e serviços de carácter utilitário. Alguns destes exemplares ainda hoje conservam etiquetas originais.

Historicismo:

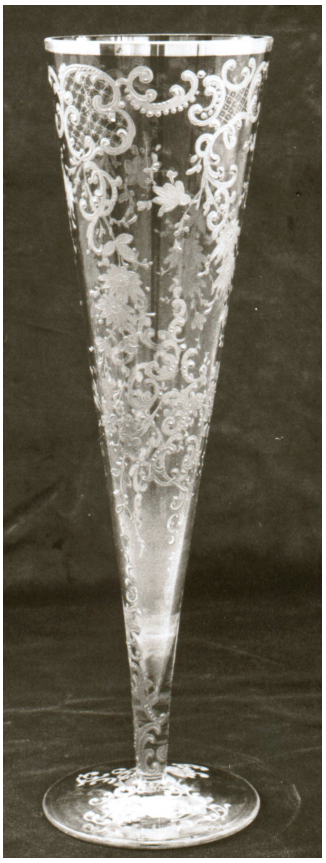

Fig. 2. Jarra, PNA inv 3731.

A decoração oitocentista dos objectos em vidro deste período, mais expressivo entre 1870 e meados de 1890, caracteriza-se por uma forte inspiração nos padrões decorativos orientais e no revivalismo das correntes do Renascimento, do Barroco e do Rocócó. É habitual a decoração, ricamente dourada e/ou esmaltada polícroma, ocupar a superfície do vidro na sua quase totalidade, com maior ou menor carga decorativa.

Observamos o revivalismo historicista a que nos referimos numa jarra (PNA inv. 3731), de forma cónica em vidro incolor e de tom gradativo vermelho-rubi, que apresenta a totalidade da superfície do vidro profusamente decorada por motivos vegetalistas e por padrões geometrizados (com predominância para as volutas), relevados a esmalte amarelo e dourado, sugerindo influência "Rocaille". Esta peça não é a única na colecção com estas características físicas e técnicas [Fig. 2]. Numa das outras jarras idênticas a esta, encontra-se uma etiqueta em papel alusiva à fábrica de vidros de Moser com a inscrição "Glasfabrik/MM/Karlsbad", pelo que podemos afirmar com relativa segurança que a proveniência deste exemplar não marcado será a mesma.

A influência historicista na produção característica da Boémia está patente em diversos objectos utilitários, tais como taças, pratos e saleiros, de tamanhos e formatos variáveis, datados sensivelmente do último quartel do século XIX e com forte recurso a elementos decorativos gravados e posteriormente dourados. Salienta-se um conjunto de 14 taças (inv.º 57252-57265) [Fig. 3], sendo uma delas de maiores dimensões, todas de forma circular e aba sextavada, com decoração de estilo Rocócó, simetricamente disposta e composta por elementos vegetalistas, aletas e padrões em gradinha gravados e dourados. Em lugar de destaque, preenchendo quase na totalidade a base dos pratos, encontram-se representadas as armas de aliança de Portugal e Sabóia em pavilhão de arminhos, encimadas por coroa real fechada, igualmente gravadas e douradas.

Fig. 3. Taças, PNA. inv. 57252 e 57265

Modernismo:

Esta corrente, que caracterizou os finais do século XIX e princípios do século XX, traduz-se por linhas inovadoras, em contraste com o revivalismo histórico do período anterior, procurando novas fontes de inspiração nas formas, conjugação de cores e na gravação de padrões decorativos ricos em composições florais complexas, mas fiéis nos mais pequenos detalhes

botânicos. Sempre atento às tendências que emergiam na produção modernista belga e francesa, Moser não deixou de criar o seu próprio estilo e originalidade ao nível artístico.

Fig. 4. Jarras, PNA inv. 3672 e 45553

Relativamente ao modernismo, o Museu do Palácio Nacional da Ajuda possui peças que ilustram o final do século XIX na Boémia. Salientamos duas jarras (PNA inv. 3672 e 45553) [fig. 4], datadas entre 1895 e 1905, que apresentam motivos florais (coroas imperiais e respectiva folhagem) gravados com grande profundidade sobre as espessas paredes de vidro pela técnica de gravação em negativo, conhecida pelo termo alemão de "eckentiefgravur". Em ambos os casos, as pétalas das flores determinam o contorno do bordo e "rompem" para além do corpo da peça, imprimindo-lhe um realismo tridimensional. Na jarra à esquerda, em vidro incolor, que progride em degradé para um tom verde, mantendo-se os elementos decorativos incolores e sem polimento, é testemunho do conhecimento técnico das cores, da procura de um resultado final apelativo, bem como do exímio domínio da arte da gravação do vidro, um dos maiores legados de Moser no desenvolvimento do estilo modernista Checo. Esta técnica e padrão decorativo caracterizaram a produção de Moser e influenciou outras fábricas da região. A gravação "escavada" nas paredes do vidro permite uma leitura visual que reflecte de forma engenhosa e calculada todos os pormenores e acentua o realismo da decoração, imprimindo-lhe "ritmo". São vários os outros exemplares com a mesma técnica e elementos decorativos, idênticos ou semelhantes, que fazem parte do espólio do Palácio: jarras avulsas de diferentes tamanhos, um serviço para chá (PNA inv. 22891) composto por 12 chávenas e seus pires, organizado em 4 conjuntos, cada um deles dobrado com uma cor diferente (cor-de-rosa, verde e roxo), à excepção de um dos conjuntos que se manteve incolor, e um serviço de toucador (PNA inv. 22912), composto por bacia, jarro, garrafa e copo, dois frascos com tampa e uma jarra. As sete peças que actualmente constituem este serviço apresentam o monograma da rainha D. Maria Pia encimado por coroa real, gravado e dourado, sendo o lírio a flor escolhida para as decorar.

O serviço para bebidas (PNA inv. 22946) que passamos a referir [fig. 5], é constituído por um tabuleiro em forma de paralelogramo, um jarro ovalado e dois copos cilíndricos em vidro incolor dobrado a verde em degradé. Apresenta as mesmas características técnicas e de decoração das jarras acima descritas. Adquirido na Boémia por ocasião da viagem da rainha D. Maria Pia em 1901, de acordo com as anotações numa das

Fig. 5. Serviço para Bebidas, PNA inv. 22946.

relações de vidros da época[12], um dos copos conserva intacta a etiqueta em papel, no reverso da base, da fábrica de vidros de Moser ("Glasfabrik/MM/Karlsbad"). Moser, à semelhança do que acontecia com muitas outras fábricas da região, tinha fortes laços comerciais com os países vizinhos, Áustria e Alemanha. Compravam vidros uns aos outros e, em consequência, influenciavam-se mutuamente, sobretudo no plano técnico. Estas ligações comerciais (e, nalguns casos, até familiares[13]) são um verdadeiro desafio no "destrinçar" das proveniências e das influências e do "quem fornece quem" na produção e decoração do vidro. A circulação dos mestres vidreiros e artífices ligados à indústria do vidro dificulta ainda mais esta tarefa, pois, com eles, o conhecimento sobre técnicas, métodos de fabrico, decoração do vidro e seus "segredos" eram passados de uma fábrica para outra e de um país para outro, indiferentes às medidas proteccionistas impostas pelos Estados.

A fluidez das fronteiras e das influências é observável num dos licoreiros (PNA inv. 22943) de feição Arte Nova. Encontra-se referenciado numa listagem de vidros da real mantearia como um dos serviços adquiridos pela rainha D. Maria Pia na sua viagem à Boémia em 1901. Este licoreiro é composto por um total de 15 peças, designadamente, um tabuleiro de forma rectangular com estrutura em metal dourado, base em vidro, assente sobre quatro pés em bola; duas garrafas com rolha para licor, de bojo em balaústre com colo cilíndrico alto e asa rectilínea; e 12 cálices de pé alto, com diferentes formas e cores. Todas as peças apresentam o monograma da rainha D. Maria Pia encimado pela coroa real, gravado e dourado. Datado dos primeiros anos do século XX, este serviço apresenta traços muito semelhantes aos da produção Arte Nova de Viena, nomeadamente da casa J&L Lobmeyr. Apesar de não se encontrar assinado, de acordo com fontes documentais consultadas e catálogos da especialidade, não será de descartar a possibilidade de se tratar de um licoreiro de produção da casa boemiana Meyr's Neffe (fundada em 1814) para a Lobmeyr de Viena de Áustria, sobretudo dados os laços que uniam estas duas casas. Lobmeyr preocupou-se sempre em conjugar a sofisticação da produção austríaca com o conhecimento técnico da Boémia. Muitos dos seus padrões decorativos eram criados e/ou realizados por vidrarias da Boémia, sendo a Meyr's Neffe uma delas. Inclusivamente, Louis Lobmeyr, um dos filhos do fundador, abriu um estúdio em Kamenicky Senov, na região norte da Boémia, com vista à produção e decoração de vidro utilitário de reconhecida qualidade técnica e artística, posteriormente comercializado pela casa J&L Lobmeyr.

Não sendo linear a questão da proveniência e das influências presentes, como temos vindo a enfatizar, há, no entanto, documentação que enquadra a incorporação de determinados bens na colecção de vidro da Boémia do Palácio Nacional da Ajuda. De acordo com a pesquisa levada a cabo, podemos estabelecer laços entre peças provenientes da fábrica Moser e uma viagem da rainha à Europa em 1901[14].

3.2. A Viagem da Rainha D. Maria Pia à Boémia em 1901

A Família Real viajava com alguma regularidade pelos vários países da Europa ocidental. Através da recolha de informação nos arquivos históricos da Casa Real[15] é-nos possível datar as viagens, bem como estabelecer os países e os principais pontos visitados. As facturas e os recibos encontrados até à data, embora ainda de forma não exaustiva, permitem-nos tirar algumas conclusões sobre o que foi comprado, quando e onde.

Entre 1862 e 1900, vários passeios foram efectuados pela Família Real à Europa, sendo a Boémia uma das regiões frequentemente visitada, entre outros motivos, pelas suas reconhecidas

[12] Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda, 10.2.2. Real Tesouro. Real Mantearia.
[13] A título de exemplo, referimos o caso das vidrarias J&L Lobmeyr (em Viena) e a Meyr's Neffe (Boémia) em que uma das filhas de Josef Lobmeyr, filho do fundador, casou com Wilhelm von Kralik, dono da Meyr's Neffe.
[14] Concentramo-nos somente na viagem real de 1901, embora o cruzamento de informação possa ser feito relativamente a outras viagens reais.
[15] Salientamos a Torre do Tombo e o Arquivo do Museu do Palácio Nacional da Ajuda.

estâncias termais. D. Maria Pia efectua ainda outras duas grandes viagens à Europa entre 1900 e 1910: em 1901 e em 1905 passa largos meses do ano fora de Portugal, sendo Karlsbad uma das cidades destino.

Adepta de viagens e de encomendas, a rainha D. Maria Pia parte de comboio no mês de Junho de 1901, na companhia do seu filho mais novo, o infante D. Afonso, para um longo passeio que durará seis meses, visitando vários países tais como Espanha, França, Alemanha, Itália, Boémia e Áustria[16]. Uma vez em Karlsbad, onde permanece durante parte dos meses de Setembro e Outubro em "cura de águas"[17], a rainha visita a fábrica de Meierhöfen, ou seja, a manufactura de vidros Moser. Antes de regressar a casa, vai ainda a Viena de Áustria onde visita e faz compras na loja Lobmeyr, cuja fábrica, fundada por Josef Lobmeyr em 1822, mantém uma relação próxima com as vidrarias da Boémia, como já referimos.

Fig. 6. Poncheira e Concha, PNA inv. 22952/2 e 22952/3

Uma listagem de vidros da época[18] (sem data, que balizámos entre 1901 e 1905) com o inventário parcial de vidros, pratas e loiças de Sua Majestade a Rainha, enumera todo um conjunto de serviços de mesa, serviços para bebidas, conjuntos e outros objectos em vidro e identifica alguns daqueles que foram adquiridos na fábrica de vidros Moser por ocasião desta viagem, através de apontamentos, a lápis, feitos à margem. Nas imagens aqui incluídas podem observar-se alguns desses objectos. Começamos por revelar um serviço para ponche (PNA inv. 22952) [fig. 6]. Para além da poncheira com tampa, fazem parte do conjunto uma concha, um tabuleiro de forma circular e 13 canecas com asa. Todos os objectos apresentam o monograma da rainha D. Maria Pia encimado por coroa real. O serviço é em vidro transparente cor-de-rosa progressivamente mais escuro até ao bordo, onde tem um friso dourado, relevado, com padrão decorativo geométrico de influência "Rocaille". De acordo com fontes da época[19], é sugerido que, para além deste, outros serviços de ponche, variados não em termos da sua composição, mas ao nível da decoração, foram igualmente adquiridos pela rainha na sua viagem de 1901 e que permanecem ainda hoje na colecção do Palácio. O mesmo se passa com peças avulsas. É o caso de uma leiteira (PNA inv. 45666), cujas características técnicas e a decoração são semelhantes às da poncheira, sendo a atribuição de proveniência confirmada pela existência de uma etiqueta em papel identificativa da fábrica Moser. Adquirido no decurso da mesma viagem, o licoreiro (PNA inv. 22947) que descrevemos em seguida é constituído por um tabuleiro de forma oval, duas garrafas para licor de bojo globular com colo cilíndrico alto e 12 cálices com pé para licor. De inspiração islamista, estes objectos são em vidro incolor dobrado com gradação do cor-de-rosa claro para um tom mais escuro e apresentam o monograma da rainha D. Maria Pia encimado por coroa real, em esmalte polícromo. Dois dos copos estão assinados "Holzner/Carlsbad". Este serviço é um dos testemunhos da inspiração em temas islamistas e do predomínio da decoração esmaltada polícroma na produção da Boémia. Crê-se que ainda na mesma viagem foram adquiridos serviços de mesa. Ilustramos um deles [Fig. 7] que, de acordo com documentação da época[20], serviria 22 pessoas. Trata-se de um modelo da fábrica Moser, cuja

[16] A rainha e o infante dão início à viagem com o intuito de assistir ao baptizado da princesa Yolanda, a primeira filha do rei de Itália, Vítor Manuel III, sobrinho da soberana.
[17] Jornal *O Século*, 1 de Outubro de 1901.
[18] Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda, 10.2.2. Real Tesouro. Real Mantearia.
[19] Idem.
[20] Ibidem.

produção se iniciou no ano de 1899. Em vidro incolor, garrafas, copos e taças apresentam uma esfera lapidada em ponta de diamante (na secção inferior do colo no caso das garrafas e na secção superior do pé no caso dos copos e das taças) e são enriquecidos por uma decoração estilizada composta por finos troncos e folhagem gravada e dourada a frio. Patente em todas as peças que constituem o serviço estão as armas de aliança de Portugal e Sabóia encimadas por coroa real, gravadas e douradas. No que diz respeito a tipologias, é composto por garrafas de diferentes tamanhos e por copos com pé para servir água, vinho tinto e vinho branco, taça para champanhe e cálice para vinho licoroso.

Fig. 7. Garrafa PNA inv. 22896/1 e 22896/2

Apesar deste serviço de mesa não ser dos mais elaborados em termos de tipologias representadas, não deixa de ser elucidativo da crescente oferta à disposição dos compradores. É sobretudo durante o século XIX, embora esta tendência se tenha feito sentir nos finais do século anterior, que se regista uma grande evolução nos serviços destinados à mesa, em termos do número de peças disponíveis e das diferentes tipologias oferecidas, havendo para cada tipo de bebida, por exemplo, um copo específico. O comprador pode escolher nas lojas, nos armazéns ou por catálogo os serviços e conjuntos que mais lhe agradam e seleccionar as tipologias e quantidades pretendidas. A opção de escolha é vasta e permite a conjugação de peças entre serviços. Um pequeno luxo, digamos, comercialmente bem explorado nesta época um pouco por toda a Europa e acessível a uma camada cada vez mais alargada da população. Contudo, as viagens reais não deixam de proporcionar à rainha a compra por escolha directa.

Conclusão

A produção e decoração do vidro oitocentista reflecte as tendências económicas, sociais e culturais da época. Os avanços alcançados ao nível técnico e científico contribuíram para a diversidade das cores, formas, técnicas e estilos que fizeram do século XIX um século eclético. É a era da mecanização e da produção estandardizada com os produtos adaptados ao gosto das massas para quem os objectos em vidro são cada vez mais acessíveis e comuns. Ao longo do século assistiu-se à introdução de novas máquinas de moldagem e prensagem do vidro, de novos fornos de alimentação contínua e à fundamentação científica, há muito ambicionada, na análise química da massa vítrea.

A variedade e quantidade de vidro produzido durante o século XIX suplantaram a de qualquer outro período anterior. Com o avançar do tempo foram cada vez mais os objectos disponíveis para todas as dependências da casa - quartos, salas, casas de jantar, casas de banho, cozinhas, etc. – e com tipologias até então inexistentes. Ainda assim, em contraste, os métodos básicos de produção do vidro pouco evoluíram ao longo do século e até aos dias de hoje. O sopro do vidro e os principais utensílios utilizados, tais como a cana de sopro e a cadeira do vidreiro, permaneceram quase inalterados.

Apesar de se encontrar balizado, na sua maioria, num período de tempo relativamente curto, cerca de 50 anos, o vidro da Boémia nas colecções do Palácio Nacional da Ajuda é elucidativo das

principais tendências e características que fizeram desta região uma referência incontornável na história do vidro. Esta colecção, ainda pouco divulgada entre nós, tende a passar quase despercebida ao visitante menos atento. Mas não deixa de ser uma janela aberta para a segunda metade do século XIX, para a evolução técnica e artística dos principais centros de produção da época e sua expressão na corte portuguesa.

Bibliografia

Fontes Manuscritas

Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda:
- Inventário Judicial, volumes 1 a 15, Lisboa, 1911-1913
- Listagem de vidros, pratas e louças de Sua Magestade a Rainha, 10.2.2. Real Tesouro. Real Mantearia, s.d.

Instituto dos Arquivos Nacionais/ Torre do Tombo, Arquivo da Casa Real, cxs. 5989, 5991.

Fontes Impressas

- Girard, Sylvie, Histoire des Objects de Cuisine et de Gourmandise, Jacques Grancher, 1991
- Liefkes, Reino (ed.), Glass, London, Victoria and Albert Museum, 1997
- Klein, Dan & Lloyd, Ward (eds.), The History of Glass, London, Orbis, 1984
- Mergle & Pánková, Moser: Joya del Cristal de Bohemia, [Catálogo de Exposición], Museo del Vidrio de la Real Fábrica de Cristales de la Granja, Emersa, 2000
- Polak, Ada, Glass: its tradition and its makers, New York, G.P. Putnam's Sons, 1975
- Tait, Hugh (ed.), 5,000 Years of Glass, New York, Harry Abrams Publishers, 1991

Periódicos

- O Século, 1901.

♣

* Artigo adaptado de uma comunicação apresentada na reunião anual do Comité do Vidro do ICOM (International Council of Museums), Praga, Setembro de 2002.
Publicado em:
Museu, ISSN 0871-2670, IV Série, nº 12, (2003) pp. 247-263. Ed. Círculo Dr. José de Figueiredo.

** Antropóloga, Inventariante do Palácio Nacional da Ajuda.